

## THE THIN BLUE LINE / 1988

um filme de Errol Morris

**Realização e Argumento:** Errol Morris / **Fotografia:** Stefan Czapsky, Robert Chappell, Philip Carr-Foster, Ned Burgess, Peter Sova, Tom Sigel / **Música:** Philip Glass / **Montagem:** Paul Barnes / **Direção Artística:** Lester Cohen / **Interpretação:** Randall Adams, David Harris; Gus Rose, Jackie Johnson, Marshall Touchton (detectives de homicídios em Dallas), Dale Holt (investigador de assuntos internos em Dallas), Sam Kitrell (detective de polícia em Vidor), Hootie Nelson, Dennis Johnson, Floyd Jackson (amigos de David Harris em Vidor), Edith James, Dennis White (advogados de acusação), Don Metcalfe (juiz do Tribunal Criminal nº 2 em Dallas, Emily Miller e R.L. Miller (testemunhas surpresa), Elba Carr (empregada do "Fas-Gas"), Michael Randell (3ª testemunha surpresa), Melvin carson Bruder (juiz de apelação); **Intérpretes das sequências reconstituídas:** Adam Goldfine (Randall Adams), Derek Horton (David Harris), Ron Thornhill (Robert Wood), Marianne Leone (Teresa Turko), Amanda Caprio (mulher do popcorn), Michael Nicoll (1º polícia inquiridor), Michael Cirilla (2º polícia inquiridor), Phyllis Rodgers (estenógrafa)

**Produção:** Third Floor Productions/American Playhouse / **Cópia:** digital, cor, com legendagem electrónica em português, 101 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Apresentado pela RTP em 1992 com o título **A Verdade Contra Tudo**.

Sessão de dia 16 apresentada e seguida de comentário por Paulo Sá e Cunha

---

**The Thin Blue Line**, longa metragem de Errol Morris, um documentarista de vanguarda, de propostas tão radicais e inovadoras nos seus primeiros documentários, como as de Werner Herzog no mesmo género (cineasta com que Morris é esteticamente aparentado), é o melhor exemplo do que se pode chamar um "cinema de investigação", no mesmo sentido do "jornalismo de investigação" de certas reportagens. Com este filme, pela primeira vez, a câmara de filmar (e de gravar) torna-se um instrumento de investigação (e também de ficção nas sequências reconstituídas).

"Cinema-investigação". O conceito não é novo, velha aspiração de documentaristas militantes, e nele se poderiam incluir, também, muitos dos filmes de Frederick Wiseman. Mas os documentários deste são um trabalho eminentemente sociológico, enquanto **The Thin Blue Line** se afirma principalmente pelo seu carácter factual e de "investigação em progresso". Morris não partiu para o seu filme com a intenção de fazer a denúncia de um erro judiciário. Este revelou-se no decorrer do processo de trabalho, com as dúvidas manifestando-se e acumulando-se ao longo das inúmeras entrevistas a pessoas ligadas ao caso a que investigou. Este filme espantoso teve um ponto de partida que, em si mesmo, testemunha da sua vocação "jornalística". Errol Morris, cineasta obcecado pelas histórias de crimes reais, em especial os casos de *serial-killers* (e como cinéfilo um fanático do filme negro, o que é bem patente ao longo de **The Thin Blue Line**) preparava um documentário sobre um personagem singular, o Dr. James Grigson, um psiquiatra de Dallas conhecido

como "Dr Morte", em virtude dos seus testemunhos terem provocado um bom número de condenações capitais. Testemunho que resultava do seu interrogatório dos acusados para atestar da sua sanidade mental e das possibilidades de recuperação social. Interrogatório que tinha uma pergunta crucial, que era a base para as suas declarações, e que era se o interrogado sentia ou não remorsos do acto que cometera. Vê-se o que de sofisma sinistro esta pergunta está eivada, porque parte do princípio de que o réu é culpado. Como pode um inocente sentir remorsos por um acto que não cometeu? E se a resposta é afirmativa reconhece-se implicitamente como culpado.

No decorrer das investigações sobre tão singular personagem, Morris deparou com o caso Adams (sujeito a esse interrogatório que teve grande peso da sua condenação à morte) e foi nele que a sua atenção se concentrou, porque a sucessão de acontecimentos era reveladora de uma série de situações ambíguas e (passe o chavão) de preconceitos. Os resultados foram inesperados, porque acabou por se verificar que logo à partida o processo em que Randall Adams era acusado do assassinato de um agente da polícia, estava minado de irregularidades (os interrogatórios a Adams sem advogado, a cumplicidade mais ou menos afirmada da polícia para esconder os erros de comportamento da colega da vítima, uma das primeiras mulheres-polícias americanas, a rede de protecção em volta do segundo acusado, David Harris, na sua cidade natal, Vidor, no Texas, etc).

Morris entrevista quase todos os intervenientes no drama que tivera lugar 10 anos antes, e delas se infere que todos têm as suas razões, do juiz Metcalfe às testemunhas perjuras, que têm tudo a ver consigo próprios e com o grupo social do que com a necessidade de descobrir a verdade. Adams é o bode expiatório ideal (um *hippie* numa comunidade conservadora, que nos remete para o mundo de **Easy Rider**), e Harris é singularmente perturbante. O seu rosto angélico (e a sua carreira) provocam um arrepio. Algures no filme Adams desabafa: "*The kid scares me*". É o mesmo medo que a presença de um Hannibal Lecter deixa no espectador de **The Silence of the Lambs**. Como resultado da apresentação do filme (que termina com a voz de Harris na última entrevista que lhe é feita, reconhecendo a inocência de Adams) o processo sofreu algumas alterações. Após a recusa de um novo processo (por um juiz ligado ao primeiro julgamento) Adams foi libertado aguardando novo julgamento.

Errol Morris utiliza para esta história real que decorre enquanto o próprio filme decorre, um estilo que lembra o cinema negro, o clássico e as suas variações modernas, mas dentro de uma perspectiva original que faz de **The Thin Blue Line** um dos filmes mais singulares e estimulantes do cinema do período em que foi feito.

Manuel Cintra Ferreira